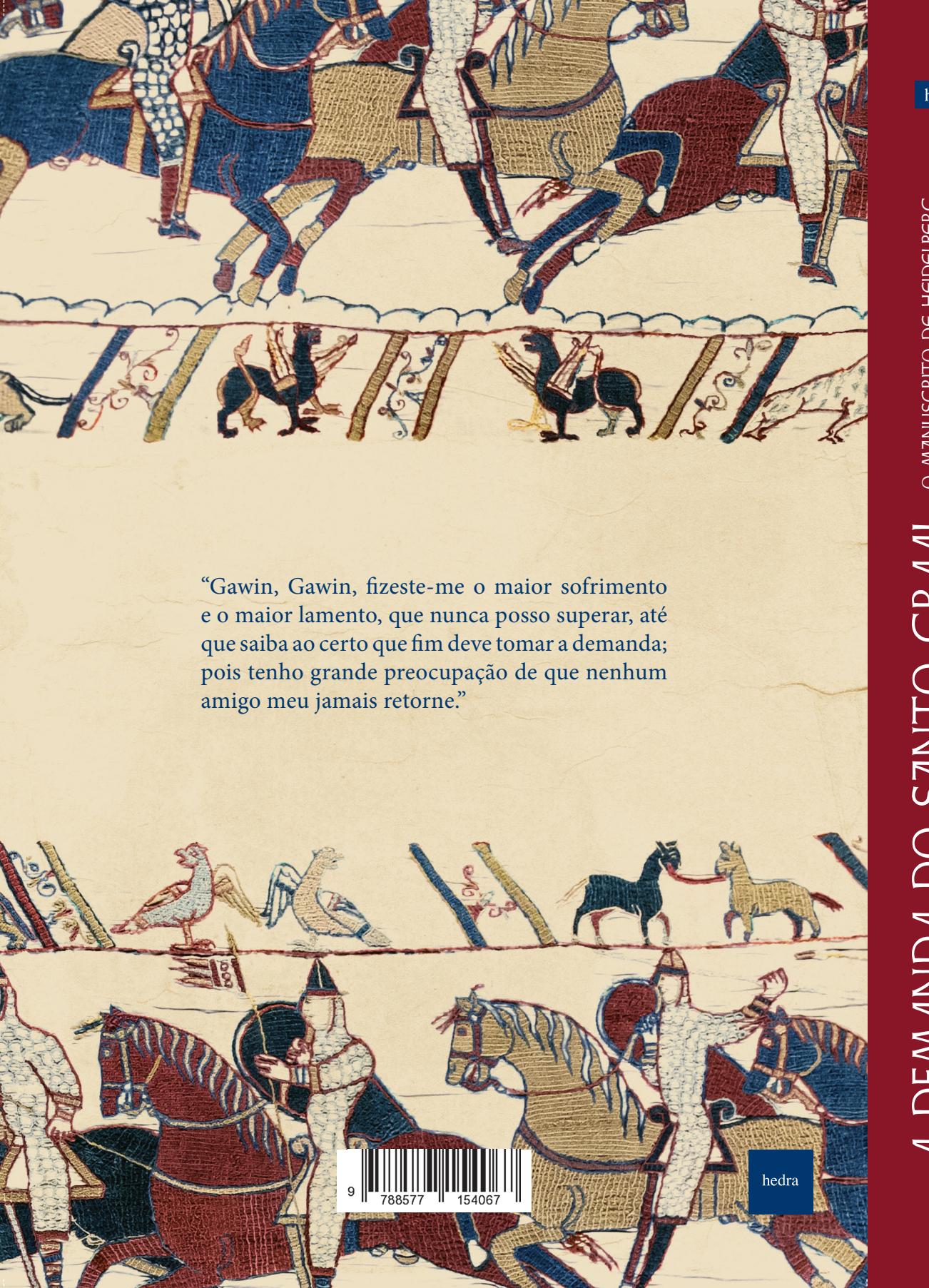


dígoros (no vocabulário bíblico) ou de maravilhas e aventuras (no dizer medieval) que são, simplesmente, parte da vida. Ou sua tradução mais profunda.

No início de *A demanda do Santo Graal – o manuscrito de Heidelberg*, uma coluna de mármore com uma espada incrustada aparece flutuando num rio perto de Camelot, e a nenhum dos cavaleiros ocorre indagar de onde veio e como pode flutuar. A única questão é saber qual deles merece arrancá-la da pedra, sendo então o que poderá fazê-lo. Pois não há separação entre os fatos e a moral, entre as circunstâncias e o valor. Ao contrário: os fatos e as circunstâncias comprovam ou põem à prova (o que afinal é o mesmo) a moral e o valor.

É por isso que, quando em seguida o Santo Graal de repente aparece flutuando no salão da Távola Redonda, para logo desaparecer, os cavaleiros fazem um voto sagrado de ir em sua demanda. O Graal, ou cálice, é aquele que Cristo usou na Última Ceia, e em que José de Arimateia juntou algumas gotas de seu sangue durante o Calvário. O Graal guarda, portanto, graças insuperáveis, e sua busca, mistérios incontáveis. Provas máximas de valor para um cavaleiro cristão, que impõem sua demanda. Nela se destacarão Lancelot, seu filho Gallat e Parzifal, entre encontros com “damas e donzelas” e personagens arquetípicos e “polissêmicos”, como o Rei Pescador.

Em tradução direta, o próprio texto, com sua dicção e seu vocabulário (que não ameaçam sua clareza), é um mergulho direto nesse mundo mítico – o que as situações só fazem reforçar. Mergulho num lago ou numa floresta escuros, talvez: mas cheio de milagres, prodígios e maravilhas. A Idade Média nunca esteve tão perto.

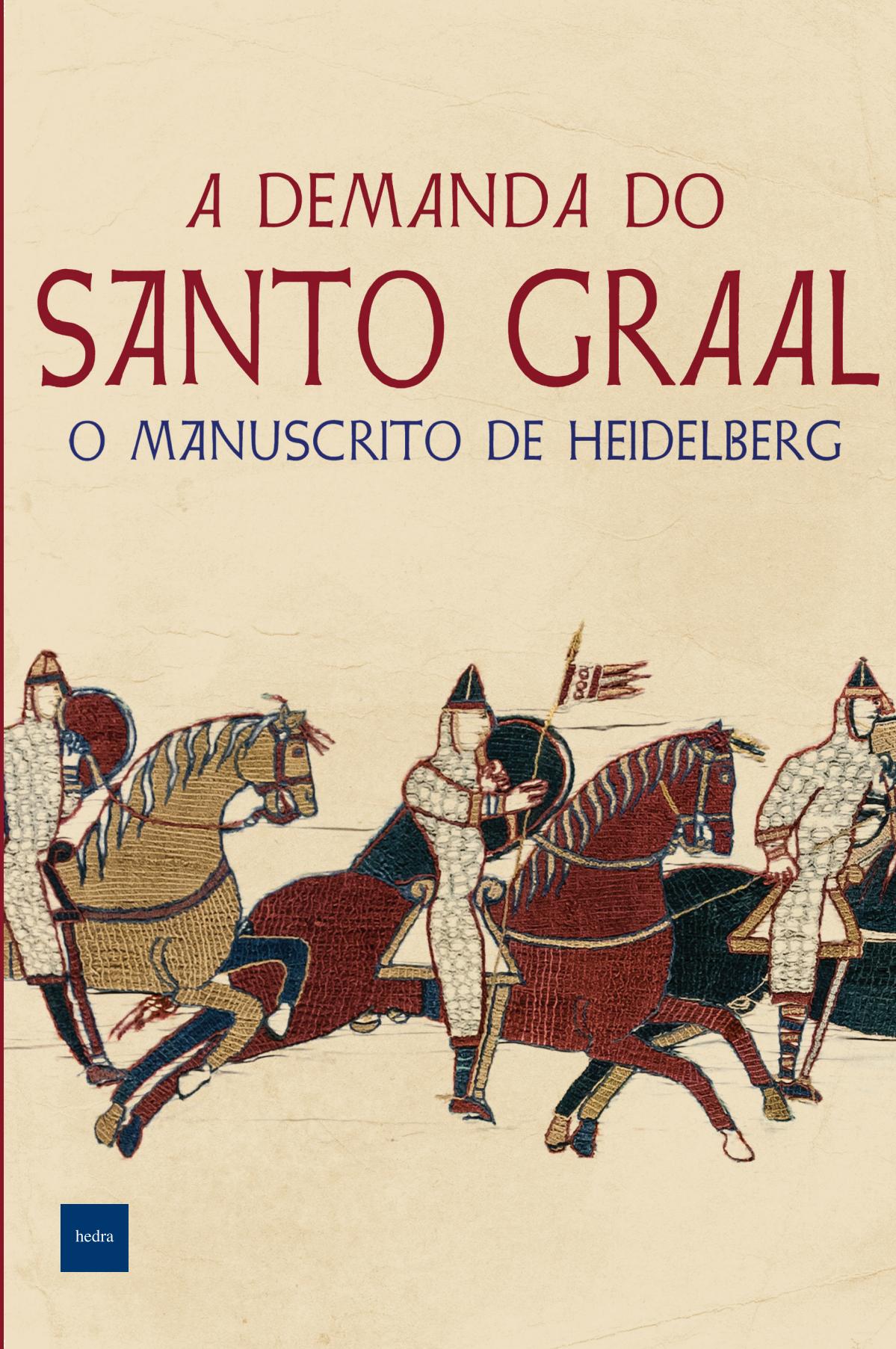


O MANUSCRITO DE HEIDELBERG

A DEMANDA DO SANTO GRAAL

h

hedra



Pode-se dizer, tratando-se de ocidentais, que todos conhecem a “lenda do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda”. Mas isso esconde uma realidade paradoxal: a de que poucos a conhecem de fato. Pois a chamada Matéria da Bretanha, grande ciclo de narrativas medievais de que o Ciclo de Artur é o eixo central, é uma coleção de antigas histórias orais que seriam, posteriormente, transpostas para o papel por vários autores, em diferentes países e em diversas línguas, a partir da média Idade Média, tendo por principal referência a obra do francês Chrétien de Troyes (século XII). Antes dele e a partir dele, há versões britânicas, ibéricas, holandesas e germânicas (como este “Manuscrito de Heidelberg”, do século XIII).

Além disso, se a narrativa moderna pode ser comparada a um rio, que se pode seguir ou cujo curso se pode vislumbrar, a narrativa medieval, ao contrário, seria melhor comparada a um lago: um lago de águas profundas e escuras, cercado por uma floresta ainda mais escura e mais profunda. Só há duas opções: ou mergulhar no lago ou adentrar a floresta.

A metáfora é pertinente, pois além de elas costumarem começar e terminar de modo abrupto, não se trata tanto de um distanciamento temporal quanto de um “estranhamento” do modo de ver o mundo. Mitos ou mitologias mais antigos podem, assim, ser mais “familiares”. Por exemplo, a demanda de Ulisses na *Odisseia*, de voltar à casa usando estratégias racionais, fala mais perto ao homem moderno, também marcado pelo individualismo. O mundo dos cavaleiros da Távola Redonda é outro mundo.

Nele se fundem lendas celtas e germânicas a um “tempo mítico” cuja raiz mais antiga é o Velho Testamento. Mundo de milagres e pro-